

O Povo Wai Wai e o Multilinguismo entre os Indígenas do Território Wayamu

The Wai Wai People and the Multilingualism among the Indigenous People of Wayamu Territory

Angela F. A. CHAGAS*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Lúcia M. S. CUNNINGHAM**

Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar o contexto multilíngue dos diversos povos indígenas que habitam o Território *Wayamu*, na fronteira do Brasil (PA, AM e RR) com a República da Guiana – falantes em sua maioria de línguas da família Karib, mas também de línguas Aruák, além do português e do inglês. Discutimos ainda alguns fatores históricos e sociais que levaram o Wai Wai à condição de língua franca utilizada pelos povos que habitam essa região. Para isso, resgatamos o histórico de contato com os não-indígenas, o histórico de migrações, o histórico de relações interétnicas e o processo de conversão religiosa cristã dos Wai Wai; além da assimilação de uma “identidade Wai Wai” por outros grupos indígenas, que ficou conhecida como “waiwaização”.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinguismo. Território Wayamu. Povo Wai Wai. Língua Wai Wai.

ABSTRACT: This article aims to present the multilingual context of the various indigenous peoples that inhabit the *Wayamu* Territory, on the border of Brazil (PA, AM and RR) and Republic of Guyana – mostly speakers of languages of the Cariban family, but also of Arawákan languages, in addition to Portuguese and English. We also discuss some historical and social factors that led Wai Wai to become the contact language (lingua franca) used by the peoples that inhabit this region. For this, we rescued the history of contact with non-indigenous people, the

* Doutora em Linguística pela UNICAMP, professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém-PA. Contato: angchagas@yahoo.com.br

** Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará, professora da SEDUC em Abaetetuba-PA. Contato: luciapoema@hotmail.com

history of migrations, the history of interethnic relations and the process of Christian religious conversion of the Wai Wai people; in addition to the adoption of a “Wai Wai identity” by other indigenous groups, which became known as “waiwaization”.

KEYWORDS: Multilingualism. Wayamu Territory. Wai Wai People. Wai Wai Language.

Introdução

Diz-se que uma comunidade é multilíngue quando nela várias línguas são utilizadas por seus membros em diversas situações comunicativas. Essa é a realidade de grande parte dos povos indígenas do Brasil, que falam comumente além da língua nativa de sua comunidade, também a língua nacional (o português) e algumas vezes a língua do cônjuge ou de outros parentes pertencentes a uma etnia distinta da sua.

Importante mencionar que num contexto multilíngue, dificilmente todas as línguas conhecidas pela comunidade são utilizadas igualmente em todas as situações sociais. Assim, normalmente, haverá situações de comunicação em que um idioma é preferido em relação aos demais. Nesses casos, geralmente, há o estabelecimento de uma língua franca ou veicular, utilizada para as situações que exigem a interação entre falantes das diferentes línguas que circulam na comunidade. Utilizamos aqui o termo no sentido expresso por Calvet (2002, p. 48) para quem “língua veicular” é aquela “utilizada para a comunicação entre grupos que não têm a mesma primeira língua”. Em outras palavras, a língua franca ou veicular é aquela eleita (conscientemente ou não) por uma comunidade multilíngue de forma a garantir a interação linguística e conseqüentemente social entre todos os seus membros. Por outro lado, os falantes não abandonam as práticas ou as condições de uso de suas línguas maternas, que passam a ser utilizadas em contextos sociais e linguísticos mais restritos, comumente, entre indivíduos de um mesmo grupo familiar.

Para que uma língua se imponha sobre as demais é preciso haver entre os envolvidos, um grupo de indivíduos que desfrute de condição econômica, social e política dominante em relação a outro(s) com cultura(s) menos influente(s). Assim, a dominação sociopolítica e econômica constitui a condição para a instauração de dominação linguística e a conseqüente integração a uma mesma “comunidade linguística” – isto é, a um grupo de pessoas que compartilham o mesmo sistema linguístico.

Isto posto, no presente artigo pretendemos apresentar o contexto multilíngue dos diversos povos indígenas que habitam o Território *Wayamu*, na fronteira do Brasil (PA, AM e RR) com a República Cooperativa da Guiana (doravante Guiana) – falantes em sua maioria de línguas da família Karib, mas também de línguas Aruák, além do português e do inglês. Além disso, discutimos alguns fatores históricos e sociais que levaram o Wai Wai à condição de língua franca utilizada pela quase dezena de povos que habitam essa região. Para isso, resgatamos o histórico de contato com os não-indígenas, o histórico de migrações, o histórico de relações interétnicas e o processo de conversão religiosa cristã dos Wai Wai; além da adoção de uma “identidade Wai Wai” por outros grupos indígenas, que ficou conhecida como “waiwaização”.

1 Breve histórico de contato com os não-indígenas e conversão religiosa

Nesta seção, relatamos de maneira resumida alguns aspectos do passado dos Wai Wai no que diz respeito ao seu histórico de contato com os não-indígenas, seu histórico de migrações, seu histórico de relações interétnicas e seu processo de conversão religiosa cristã. Esses fatores são fundamentais para se compreender a atual realidade multiétnica, multicultural e multilíngue das pessoas indígenas que se autoidentificam como Wai Wai¹ e que habitam o território hoje chamado por eles de *Wayamu*.

As principais informações aqui apresentadas são retiradas da dissertação de Leonor Oliveira (2010), na qual a autora analisa o processo de transformação do modo de vida e dos princípios cosmológicos tradicionais dos Wai Wai, a partir da conversão religiosa cristã desse povo, iniciada nos anos de 1950, através da *Unevangelized Fields Mission* (UFM).

De acordo com Oliveira (2010, p. 14), os contatos mais intensos entre os Wai Wai e os não-indígenas iniciou a partir da década de 1950, quando alguns missionários evangélicos norte-americanos se estabeleceram às margens do alto rio Essequibo, na Guiana². Segundo a mesma autora, o relato mais antigo sobre o grupo data do período entre 1718 e 1721, quando um comerciante e escravizador de indígenas judeu-holandês, chamado Gerritt Jacob, afirmou ter visto um adorno nasal de ouro em um dos nativos da

¹ Uma discussão sobre o que significa “ser Wai Wai” será apresentada na seção 2.

² Na época ainda colônia da Inglaterra, era nomeada Guina Inglesa ou Guiana Britânica.

região, espalhando a notícia – nunca confirmada – da existência de montanhas de ouro e de prata escondidas na floresta. A esperança de encontrar tais montanhas motivou sua segunda viagem, desta vez, acompanhado por um mineralogista – Salomon Sanders – enviado pelo governo do Suriname para investigar a suposta existência de metais preciosos na região. Os relatos de Sanders sobre o local mencionam a presença de grupos indígenas *Weij Weij* (Wai Wai).

Em dezembro de 1837, o geógrafo Robert Schomburgk deparou-se com três aldeias Wai Wai, com aproximadamente 50 habitantes em cada: uma ao norte e duas ao sul da Serra do Acaraí³, nos rios Essequibo (Guiana) e Mapuera (Brasil), respectivamente. Após uma segunda viagem à região dos Wai Wai, em 1844, Schomburgk ressalta a fama destes como bons caçadores e adestradores de cães de caça. Howard (1993, p. 235), menciona que os Wai Wai são grandes especialistas não só no treinamento de cães caça, mas também de papagaios falantes e na confecção de raladores de mandioca – bens altamente valorizados na região e frequentemente comercializados pelos Wai Wai com outros grupos.

Em, 1884, o geógrafo francês Henri Coudreau, em visita ao alto Mapuera, relatou a existência de sete aldeias *Ouayeoué* (Wai Wai), porém sem indicar precisamente a sua localização. Já nessa época, o viajante descreve a influência política que os Wai Wai exerciam sobre outros grupos indígenas com quem mantinham constantes relações de trocas. Coudreau relata que vários indígenas da região passavam a se autodenominar Wai Wai – o que para Howard (2002, p. 33 *apud* OLIVEIRA; 2019, p. 18) era consequência das intensas relações políticas, rituais, matrimoniais e de troca estabelecidas entre os Wai Wai e os demais grupos da localidade – prática que veio a se intensificar após o processo de evangelização, ocorrido entre os anos de 1950 e 1980. Coudreau menciona em seu relato a relação amistosa que os Wai Wai mantinham com os Mawayana, Xerew, Japii, Tukano, Tarim, Pianokoto, Wapixana, Atorai e Taruma⁴.

³ A Serra do Acaraí (também conhecida como: Serra do Acari ou Montanhas Acari) é uma formação do relevo brasileiro, localizada no extremo norte do município de Oriximiná (PA), na fronteira do Brasil com a Guiana. É considerada parte integrante do chamado Planalto ou Escudo das Guianas.

⁴ Sempre que mencionar o trabalho de outros autores, grafaremos os nomes das línguas/povos conforme o registro feito pelo autor em questão, inclusive quando se tratar do Wai Wai – que possui grafias diversas, tais como: Wai Wai, Wai-Wai, Waiwai, WaiWai, Wayway, Uaiuai. Neste trabalho, utilizamos a grafia “Wai Wai” conforme a orientação dada pelos membros dessa comunidade indígena.

No ano 1910, John Ogilvie, um escocês morador da Guiana coletou material sobre os Waiwai para o *Peabody Museum of Harvard University*. Ogilvie relata “que a maioria dos manufaturados obtidos pelos Wai Wai provinha de outros grupos indígenas mais ao norte, notadamente os Wapixana e os Taruma. Estes, por sua vez, negociavam diretamente com os brancos ou com os Macuxi. Os itens obtidos pelos Wai Wai eram trocados com grupos mais remotos, como os Mawayana, Parukoto e Xerew” (OLIVEIRA; 2010, p. 21).

Entre 1913 e 1916, Ogilvie participou da expedição do antropólogo-geneticista William C. Farabee que encontrou duas aldeias Wai Wai, uma ao norte (com apenas oito moradores – dos quais seis se diziam mistos com Tarumã e apenas dois se consideram Wai Wai “verdadeiros”) e outra ao sul da Serra Acaraí (esta com trinta e quatro indivíduos que se reconheciam maciçamente como Parukoto, tendo apenas cinco membros que se consideravam autênticos Wai Wai). Fock (1963 *apud* OLIVEIRA; 2019, p. 21) afirma que, apesar disso, as aldeias se consideravam Wai Wai por ocuparem o território tradicional destes.

Em 1919, 1922 e 1923 o padre jesuíta francês, Cuthbert Cary-Elwe, fez pequenas viagens às aldeias Wai Wai e relata intensas atividades comerciais destes com os Taruma e Wapichana.

Em 1925, o antropólogo inglês Walter Edmond Roth visitou a aldeia Wai Wai do Essequibo, a serviço do governo da Guiana. O antropólogo registra algumas informações importantes como: a quase extinção dos Taruma por uma epidemia de gripe, reduzidos ao número de oito pessoas, seis das quais casadas com mulheres Wai Wai; aumento da população Wai Wai do Essequibo que passou de oito, em 1903, para mais de cem no ano de sua visita. Tal aumento populacional é consequência da migração dos Wai Wai da região do rio Mapuera em direção ao norte, invertendo o movimento migratório ocorrido no início do século XX, quando ingressaram no Brasil fugindo de epidemias disseminadas na Guiana, que praticamente exterminaram os Taruma. Depois disso, os Wai Wai retornam para o norte para ocupar as terras dos Taruma, cujos sobreviventes tinham se agregado às aldeias Wai Wai.

Por volta dos anos 1934-1936, a Comissão de Fronteira Anglo-Brasileira esteve em ambos os lados da Serra Acaraí e do lado guianense, no rio Essequibo, encontrou uma

aldeia Waiwai chamada Mawiká, onde residiam mais homens que mulheres, dentre eles os três últimos Taruma.

Nos anos 1937 e 1938, uma expedição chamada Terry-Holden, do *American Museum of Natural History of New York*, partiu da Guiana em direção ao rio Mapuera e verificou que os Wai Wai estavam novamente migrando para o Brasil, saindo do Essequibo para se estabelecer nas cabeceiras do rio Mapuera. Nesse período, foram encontradas seis aldeias Wai Wai: duas na Guiana e quatro no Brasil, com uma população média de vinte e cinco a trinta membros cada uma.

Nos anos 1940 um missionário católico vindo de uma aldeia Wapichana visitou a aldeia Erepoimo, na Guiana Inglesa, onde pregou sermões e ensinou algumas músicas religiosas numa língua que um dos Wai Wai compreendia e conseguiu traduzir aos demais⁵.

Em 1946 e 1947, P. S. Peberdy, representante do Governo da Guiana, visitou a região do Essequibo, onde encontrou somente quatro famílias Wai Wai, contendo vinte e sete habitantes ao todo.

Em 1949, sobem o rio Essequibo, com a ajuda de indígenas Wapichana, os irmãos e missionários evangélicos americanos Rader, Neill e Robert Hawkins, em direção à aldeia Wai Wai Erepoimo. Neill Hawkins se estabeleceu nessa aldeia da Guiana, enquanto seus irmãos Rader e Robert Hawkins, agora com a ajuda de indígenas Wai Wai, seguiram para as aldeias do rio Mapuera, em território brasileiro. Essa primeira visita dos irmãos Hawkins às aldeias Wai Wai durou cerca de três meses e consistiu numa sondagem para o estabelecimento de uma base missionária na Guiana – que se estabeleceria em 1950. Este contato trouxe uma doença infecciosa para a população Wai Wai, causando várias mortes na aldeia Erepoimo até o ano seguinte (1950), quando Neill e Robert voltaram ao Essequibo com vacinas e remédios para tratar os doentes e finalmente estabelecer a base missionária, além de construir uma pista de pouso para aeronave.

No mesmo ano, um médico britânico, Cennyd Jones, fez uma viagem de duas semanas às aldeias Wai Wai do Essequibo e contabilizou um total de cinquenta e dois indivíduos Wai Wai, sendo trinta e três adultos.

⁵ Oliveira (idem, p. 22) sugere que a língua que o padre usou para se comunicar com os Wai Wai seja o Wapichana, mas não há confirmação.

Em 1951, os Wai Wai fundam uma nova aldeia no Essequibo, chamada *Yakayaka*, e abandonam *Erepoimo*. Próximo da nova aldeia, os irmãos Hawkins fundaram também a nova sede da missão, denominada por eles de *Kanashen*.

Em 1953, *Kanashen* recebeu a presença do casal missionário americano Claude e Bárbara Leavitt e da enfermeira Florence Riedle – esta viveu entre os Wai Wai até o ano de 1986.

Nos anos de 1954-1955, dois antropólogos dinamarqueses, Jens Yde e Niels Fock, participaram de uma expedição do *Danish National Museum* que visava conhecer melhor a cultura Wai Wai (tanto no Brasil quanto na Guiana). Essa expedição deu origem a dois trabalhos bastante minuciosos sobre o grupo que serviram de base para outros trabalhos posteriormente desenvolvidos: “*Waiwai. Religion and Society of an Amazonia Tribe*” (FOCK, 1963) e “*Material Culture of the Waiwai*” (Yde, 1965). A expedição contabilizou aproximadamente cem Wai Wai do lado brasileiro e setenta e sete em três aldeias no Essequibo. Ou seja, na Guiana houve um aumento de 50% da população Wai Wai em aproximadamente cinco anos. O aumento da população no lado guianense da Serra Acaraí continuou nos anos seguintes por conta da aglomeração de grupos vizinhos aos Wai Wai que já residiam nas cercanias de *Kanashen*. Indígenas de outras etnias sentiam-se atraídos pelos utensílios e remédios dos missionários americanos, bem como pelas histórias que ouviam sobre o Deus dos brancos, sempre a partir das trocas e das interrelações que mantinham com os Wai Wai. A curiosidade e a aproximação desses outros indígenas iam ao encontro das intenções dos missionários que desejavam evangelizar o maior número possível de indígenas da região.

Um exemplo disso, citado por Oliveira (idem, p. 26), é a viagem de Hawkins e Leavitt a uma aldeia Xerew do baixo Mapuera, em 1954, em que os missionários levaram um discurso escatológico tão forte que amedrontou esses indígenas a ponto de os levar a migrarem para a Guiana, instalando-se numa aldeia Wai Wai, onde acharam que estariam mais protegidos do fim do mundo. Essa migração dos Xerew foi seguida pela dos Mawayana do alto Mapuera. Posteriormente, os missionários intensificaram suas viagens a aldeias vizinhas com o objetivo de atrair cada vez mais indígenas para o lado guianense da Serra Acaraí. Essa ação dos americanos deveu-se fundamentalmente ao fato de que não tinham autorização para atuarem do lado brasileiro da Serra.

Em 1958, além de todos os Wai Wai do Brasil e dos Xerew e Mawayana terem ido para a Guiana, uma nova expedição do *Danish National Museum* encontrou também vivendo em aldeias ao norte da Serra Acaraí indígenas Tiriyó, Hixkaryana, Wayana e Yaú.

Esse deslocamento indígena em direção à Guiana também é mencionado por Costa-e-Souza (1999, p. 7), que afirma que a instalação da “Missão Kanashen” no Essequibo motivou um êxodo massivo dos indígenas que habitavam a calha dos rios Mapuera, Trobetas, Nhamundá e Paru de Oeste (no Brasil) em direção à Guiana, ainda nos primeiros anos da década de 1950, atraídos por uma proposta missionária salvacionista em que os irmãos Hawkins os convenceram de que a localidade era melhor e mais segura. Ainda segundo o autor, a “fuga” dos indígenas “brasileiros” foi tão expressiva que motivou o envio de uma comissão militar brasileira à região de fronteira para verificar a situação.

Segundo Oliveira (2010, p. 27), as pequenas aldeias que existiam em ambos os lados da Serra Acaraí, com densidade populacional de cerca de trinta habitantes, foram substituídas pela concentração dos indígenas em aldeias maiores, com cerca de duzentas e cinquenta moradores, fazendo com que a circulação de pessoas e objetos se tornasse ainda mais intensa.

Ainda em 1958, os Wai Wai – que já vinham desde o início da década de 1950 passando por um processo de evangelização – assistiram ao batismo dos primeiros membros de sua comunidade. Nesse período, os missionários consideravam que a maioria dos Wai Wai já estava convertida (embora nem todos fossem ainda batizados). Nessa época, viviam junto com eles e passavam pelo mesmo processo de evangelização os Xerew, Mawayana, Wayana, Kaxuyana, e alguns Tiriyó e Hixkaryana (OLIVEIRA, 2010, p. 111). A partir de sua própria conversão religiosa, os Wai Wai a incorporaram como parte da tradição de intercâmbios que mantinham desde longa data com outros grupos indígenas da região.

Assim, levaram o conhecimento bíblico a outros povos como Xirixana, Waika, Tunayana, Waiampi, Wayana, Katwena, Tikyana, Waimiri-Atroari, os Karafawyana e Maku, até meados da década de 1980 (HOWARD, 2001, p. 296 *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 112). Cada um desses grupos respondeu às investidas evangelizadoras dos Wai Wai de uma forma diferente:

alguns dissolveram suas aldeias independentes e passaram a viver junto com os Waiwai; outros mantiveram suas próprias aldeias, mas se empenharam em trocas e intercassamentos com os Waiwai; outros não levaram adiante relações posteriores ao primeiro contato (OLIVEIRA, 2010, p. 112).

Segundo Howard (2001, p.292, p.296, p.400 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 112) a empreitada missionária dos Wai Wai sobre outros grupos indígenas foi uma estratégia que lhes permitiu expandir seu controle – já existente antes da conversão – de outros domínios para além do seu universo social. Para Oliveira (*idem*, p. 113), “o controle Waiwai sobre a alteridade representada por esses outros grupos também passava pelo esforço de atraí-los para suas aldeias e assimilá-los ou ‘pacificá-los’⁶”.

Quando a Guiana deixou de ser uma colônia inglesa, em 1966, passando a se chamar República Cooperativa da Guiana, instalou-se no poder um governo de tendências socialistas que inviabilizou a permanência dos missionários americanos em seu território. Assim, os irmãos Hawkins abandonam *Kanashen* e se mudam para o Brasil, em 1971, onde fundam a Missão Evangélica da Amazônia (MEVA).

Na mesma época, a maior parte dos indígenas que tinha migrado para a Guiana retorna também para o Brasil, indo estabelecer-se maciçamente no estado do Pará, no curso do rio Mapuera, onde fundaram uma aldeia com o mesmo nome. Esta aldeia deu origem à Terra Indígena Nhamundá-Mapuera, que se estende também ao território do estado do Amazonas. Essa TI foi demarcada e homologada (em 1989) como posse permanente dos Wai Wai, Hixkaryana, Kaxuyana, Katwena, Mawayana e Xerew. No retorno ao Brasil, uma parte menor dos indígenas se estabeleceu em Roraima, às margens do rio Novo, onde fundaram a aldeia Kaxmi – local onde foi demarcada (em 2003) a Terra Indígena Wai Wai, pertencente aos povos Wai Wai, Mawayana, Xerew, entre outros. Em 1985, um grupo Wai Wai saiu da aldeia Mapuera e foi morar na margem do rio Jatapuzinho, no estado de Roraima, fundando lá uma aldeia homônima. Essa última aldeia deu origem à Terra Indígena Trombetas-Mapuera, demarcada em 2007 e homologada em 2010.

⁶ De acordo com Howard (1993, p. 235), pacificar outros grupos indígenas – considerados pelos Wai Wai atrasados, ferozes e irados – “significa ensinar-lhes o que os Waiwai consideram ser a conduta apropriada a seres humanos plenamente socializados, conduta guiada acima de tudo pelo *ethos* ideal da pessoa *tawake*, ‘pacífica’, ‘serena’ ou ‘equânime’, isto é, agradável, disposta a ajudar o próximo, generosa e que evita qualquer confronto ou fricção social.

De acordo com Howard (1993, p. 233), em 1986, havia quatro aldeias Wai Wai em ambos os lados da Serra Acaraí, nos rios Mapuera, Jatapuzinho, Novo e Essequibo, que juntas somavam cerca de mil e duzentas pessoas. Atualmente, vivem na T.I. Nhamunda-Mapuera aproximadamente 2.300 indígenas, na T.I. Trombetas-Mapuera em torno de 800 pessoas e na T.I. Wai Wai, cerca de 360, segundo dados do *site* Terras Indígenas no Brasil.

Encerramos esta seção ressaltando a importância de conhecer o histórico de contato com os não-indígenas, o histórico de migrações, o histórico de relações interétnicas e o processo de conversão religiosa cristã dos Wai Wai como sendo fundamental para compreender a atual situação de multilinguismo em que os indígenas que se autodenominam Wai Wai estão inseridos, bem como o alçamento da língua Wai Wai à condição de língua franca utilizada pelos indígenas do *Wayamu* para a comunicação entre indivíduos de diferentes grupos étnicos.

2 Afinal de contas, quem são os Wai Wai?

Iniciamos esta seção, que discorre sobre o “ser Wai Wai”, com as palavras de Aniceto-de-Souza (2018), membro da etnia Wai Wai, que define o grupo da seguinte forma:

WaiWai é um coletivo ameríndio complexo, com a maioria de falantes da família linguística Karib, que até os anos de 1950 vivia espalhado em casas coletivas/*Umana* localizadas entre os dois lados da Serra do Acaraí, divisa do Brasil com a Guiana. Este coletivo, a partir do convívio com missionários, decidiu se unir e viver em grandes aglomerados denominados *comunidades* WaiWai. Por isso, considero que somos um povo misturado. E, com essa afirmação, argumento que na atualidade os chamados WaiWai correspondem àquelas pessoas que se conhecem há muito tempo, fazem visitas e estabelecem trocas milenares e hoje quando questionam sobre sua origem dizem que são os WaiWai. Diferente daqueles que viviam no século passado, antes do convívio nos aglomerados, quando essa questão não fazia parte de suas preocupações e mantinham as diferenças entre si, hoje todos sabem reconhecer suas semelhanças e diferenças (ANICETO-DE-SOUZA; 2018, p.9).

O nome Wai Wai que, segundo Howard (1993; 2022) significa *tapioca* ou “Povo da Tapioca”, na língua Wapichana, lhes foi atribuído por esse grupo Aruák, sendo posteriormente adotado também pelos missionários com quem tiveram contato. Segundo Lapola (2020), esse nome lhes foi atribuído porque os primeiros Wai Wai contatados

tinham a pele clara como a farinha proveniente da mandioca. Ambas as informações também nos foram dadas pelo professor indígena Wiwson Wai Wai, com quem conversamos recentemente. Howard (1993, p. 232) relata que alguns dos seus informantes lhes contaram não “saberem” que eram Wai Wai até que os Wapichana e os missionários lhes disseram isso.

De acordo com Oliveira (2010):

o nome Waiwai tem sido usado como uma identificação genérica por índios de vários grupos – Parukoto, Taruma, Mawayana, Xerew, Katuena, Tunayana, Karapawyana, Yukwaryana, Tikyana, Kaxuyana e Xowyana – que até o início dos anos 2000 encontravam-se aglomerados em quatro grandes aldeias onde a língua waiwai predomina (OLIVEIRA; 2010, p. 1).

Segundo Howard (1993, p. 229-230), saber exatamente “quem” são os Wai Wai é complexo não só para os antropólogos que já analisaram o grupo, como também para os próprios indígenas, pois a construção de uma “identidade Wai Wai” é cunhada sobre o intercâmbio de signos como “alimentos, bens de trocas, cônjuges, ornamentação, linguagem e comportamento” entre a quase dezena de “grupos” que se identificam como Wai Wai. A autora afirma que “as tentativas de determinar os parâmetros ênicos de afiliação grupal desafiam qualquer solução fácil” (p. 231) e relata sua tentativa frustrada de fazer um censo básico de afiliações grupais entre os membros das comunidades que se dizem Wai Wai. Menciona ainda que o antropólogo J. Yde “também se atrapalhou com a ausência de divisões tribais nítidas”. Para ele, os Wai Wai consistem em:

"uma malta variegada, cujos componentes estão a perder suas características tribais, e a desenvolver uma uniformidade tal que é impossível atribuir aos indivíduos as tribos a que pertenciam anteriormente" (YDE; 1965, p. 19-20 *apud* HOWARD; 1993, p. 231).

Assim, para Howard, “a identidade Wai Wai” não se sedimenta sobre a noção de “uma tribo”, mas sim “em uma categoria definida por critérios de comportamento e recursos compartilhados” que possui a capacidade de se expandir e de “abranger outras pessoas ou elementos, através de uma reformulação mútua de suas características de inclusão e exclusão.” (idem, p.261). Para a antropóloga, uma aldeia Wai Wai se compõe por vários grupos étnicos que se sobrepõem e

a identidade "Waiwai" pode às vezes se referir ao grupo "original" ou "nuclear" (mas este mesmo admite que "costumava ser" Parukwoto), frente a quem os demais se situam em vários graus de proximidade social; entretanto, a identidade "Waiwai" pode também ser invocada como um modo de exprimir os laços de solidariedade que unem os membros da aldeia no nível mais abrangente HOWARD; 1993, p. 237).

Howard (1993, p. 236) utiliza o termo “waiwaização” para se referir ao processo de assimilação de uma identidade Wai Wai por parte de outros grupos indígenas que foram contatados pelos Wai Wai “puros”⁷, passando a residir em suas aldeias e, conseqüentemente, a compartilhar algumas de suas práticas culturais, incluindo o uso de sua língua em situações específicas⁸. Nas palavras da autora:

Estes povos recém-contatados ou “vistos” (*eñexapu komo*) são assimilados e gradualmente “waiwaizados” ao passarem a residir nas aldeias waiwai, a aprender sua língua, envolver-se em trocas de alimentos, trabalho e bens, e, em geral, ao adotarem as normas da conduta “pacífica”.

Para Howard (2001, p. 27) é a partir de uma adulteração recíproca (ou seja, dos Wai Wai e dos não-Wai Wai através da assimilação) que os Wai Wai reafirmam sua autenticidade. De acordo com Oliveira (2010, p. 77) isso significa que ““ser waiwai” tem a ver, portanto, com o engajamento em um movimento de alteração contínuo, onde a “waiwaização” de elementos não-waiwai é simultânea à alteração do que é waiwai, justamente pela assimilação do que não é waiwai”.

Oliveira (2010) esclarece, a partir da análise da cosmologia Wai Wai, que estes se consideram os únicos “seres humanos plenos”, sendo as demais pessoas (outros indígenas e não-indígenas) seres sub-humanizados. Nessa concepção, a assimilação de outros grupos por parte dos Wai Wai consiste, para eles, em alçar as demais pessoas à condição humana em sua plenitude.

Assim, Wai Wai são todos aqueles indivíduos que compartilham não só o mesmo espaço geográfico (Território *Wayamu*), mas também os mesmos recursos, comportamentos, relações matrimoniais, ornamentações e língua (Wai Wai).

⁷ “Wai Wai puro” é como os próprios Wai Wai contemporâneos se referem aos membros do grupo de antes do processo de evangelização e também aos Wai Wai atuais que são frutos de casamentos endogâmicos, ou seja, filhos de pai e mãe Wai Wai.

⁸ O uso da língua Wai Wai por membros de outros grupos que vivem nas aldeias Wai Wai será tratado na seção 4.

Antes de falarmos sobre a condição social da língua Wai Wai entre os indígenas que vivem no *Wayamu*, apresentaremos na seção seguinte algumas informações estritamente linguísticas sobre esse idioma, como: sua filiação genética – discutindo algumas propostas de classificação interna para a família Karib; seu sistema fonológico; e, em linhas gerais, algumas de suas características morfossintáticas.

3 Classificação Genética da Língua Wai Wai

De acordo com Gildea (1998, p. 6), a primeira tentativa metodologicamente sólida de classificar as línguas da família Karib foi realizada por Girard (1971). Nela, o autor distribui sessenta e uma línguas em quinze grupos, dentre eles um denominado Wayway que inclui as línguas: Wayway, Hishkaryana, Kachuyana e Parukoto.

Alguns anos mais tarde, Durbin (1977 *apud* GILDEA; 1998, p. 8) traz uma nova proposta de classificação para a família, na qual agrupa também sessenta e uma línguas em dois ramos principais: Karib do Sul (com três subramos) e Karib do Norte (com cinco sub-ramos), incluindo a língua Waiwai neste último, mais especificamente no sub-ramo Leste-Oeste da Guiana.

Kaufman (1994 *apud* GILDEA; 1998, p. 9), com base na retenção de cognatos, na redução de encontros consonantais e no padrão acentual, divide 39 línguas em 20 grupos genéticos distribuídos em 10 ramos principais. Nessa proposta de classificação da família Karib, a língua Waiwai aparece no ramo da Guiana, no grupo Waiwai, juntamente com a língua Hixkaryana.

Há bastante divergência entre essas três primeiras tentativas de organização das línguas no seio da família Karib e conseqüentemente várias críticas endereçadas a elas. Gildea (1998, p. 8), por exemplo, afirma que:

The dramatic differences among these classifications reflect the fact that each linguist has to draw conclusions from minimal data, so that minor differences in interpretation of a single sound change lead to entirely different classifications of a given language.

Meira (2006, p. 168) afirma que tais classificações discordam em muitos aspectos importantes e que a de Durbin (1977) apresenta tantos problemas que deve ser rejeitada. Gildea (2012, p. 443) reforça esta afirmação, pontuando que a classificação proposta por

Durbin (1977) foi desconsiderada por todos os comparativistas subsequentes, sendo que vários deles apresentaram evidências convincentes contra uma ou mais de suas hipóteses.

No caso específico da língua Wai Wai, a proposta de Durbin (1977) é a única – de todas as propostas de classificação interna para a família Karib – que não a apresenta mais proximamente relacionada à língua Hixkaryana que, nesse trabalho, encontra-se no subramo Sul da Guiana, ao lado do Ye'kwana, Waymumara-Azumara, Parukoto e Warikyana.

Na proposição feita por Kaufman (1994), a língua Katxuyana aparece em grupo distinto do qual faz parte a língua Wai Wai. Nesse caso, a língua “Kashuyana” forma um grupo que leva o seu nome e que também compreende a língua Tikyana (Shikuyana). Essa separação do Wai Wai e do Katxuyana em grupos distintos também foi observada por Gildea (2012, p. 443) que a considera tão incorreta⁹, quanto a junção das línguas já citadas no mesmo ramo que a língua Tiriyó. Kaufman (2007) apresenta uma classificação semelhante à sua proposta de 1994, com exceção da presença dos ramos da Guiana e do Norte Amazônico que não aparecem em sua versão mais recente.

Meira (2006, p.169) apresenta nova proposta de classificação da família Karib, na qual traz seis ramos principais (Guianense, Venezuelano, Waimiriano, Yukpano, Pekodiano e Kuikuroano). O ramo Guianense divide-se em dois grupos: Taranoano e Parukotoano. Este último reúne os sub-grupos Katxuyana (composto por esta única língua) e Waiwai-Hixkaryana (composto pelas duas línguas que lhe dão o nome).

Gildea, Hoff & Meira (2010) propõem uma nova classificação, com base na análise de reflexos atuais do *ô, reconstruído para o proto-Karib no referido trabalho. Na classificação apresentada pelos autores, há dois ramos bem definidos: Venezuelano (com dois macro-grupos: Pemóng-Panare e Mapoyo-Tamanaku) e Pekodiano (composto pelo grupo Arara e pela língua Bakairi). Os autores apresentam um terceiro conjunto de línguas (denominado como “Resíduo”) para as quais, naquele momento, não tinham ainda certeza sobre o agrupamento. Nesse conjunto, aparecem seis grupos de línguas (Kumaná, Ye'kwana, Nahukwa, Parukotoano¹⁰, Taranoano e Yukpa) e quatro línguas sem proposta de agrupamento: Apalaí, Kari'nja, Waimirí Atroarí e Wayana. Nesta classificação, a

⁹ A proposta de classificação dessas línguas por Gildea (2012) será apresentada nos próximos parágrafos.

¹⁰ Pelo fato do grupo Parukotoano aparecer dentre os “Resíduos” – que consistia de um arranjo provisório para as línguas e grupos que lhe compunham – na proposta de Gildea, Hoff & Meira (2010), sua representação não será considerada no Quadro 01.

língua Waiwai (Wabui, Tunayana), ao lado do Hixkaryana, faz parte do subgrupo Waiwai, do grupo Parukotoano.

Gildea (2012), a partir das contribuições trazidas por pesquisas mais recentes sobre línguas Karib, apresenta uma nova alternativa de classificação para a família. Nela, o autor propõe a existência de seis ramos: Parukotoano, Pekodiano, Venezuelano, Nahukwa, Guianense e um de “Resíduos”, no qual agrupa as línguas e/ou grupos para as quais a filiação genética ainda não está totalmente resolvida. Nessa proposta, a língua Waiwai (Wabui, Tunayana) juntamente com o Hixkaryana formam o sub-grupo Waiwai, que junto com a língua Katxúyana compõe o grupo Parukotoano do ramo Parukotoano (p. 445).

Nessas três últimas propostas de classificação interna para a família Karib (MEIRA, 2006; GILDEA, HOFF & MEIRA, 2010; GILDEA, 2012), há consenso entre os autores quanto à relação de proximidade da língua Wai Wai com o Hixkaryana, formando um subgrupo denominado Waiwai (GILDEA, HOFF & MEIRA, 2010; GILDEA, 2012) ou Waiwai-Hixkaryana (MEIRA, 2006), que ao lado da língua Katxuyana compõe o grupo Parukotoano.

Uma diferença entre as hipóteses de Meira (2006) e Gildea (2012) é que para Meira (2006), o grupo Parukotoano faz parte do ramo Guianense, ao lado do grupo Taranoano – formado pelo subgrupo Tiriyó-Akuriyó e pela língua Karihona – e das línguas Karinya (Galibi), Wayana, Apalaí, Palmella (†); enquanto na proposta de Gildea (2012), há um ramo denominado Parukotoano do qual o grupo Parukotoano é o único membro. Vale mencionar ainda que em Gildea (2012), há também um ramo denominado Guianense do qual fazem parte o grupo Taranoano (com o subgrupo Tiriyó e a língua Karihona) e as línguas Kari'nja (Carib, Kalinya, Carina, Galibi), Makiritare (De'kwana, Maiongong, Ye'kwana) e Wayana. Em resumo, a diferença fundamental entre a proposta de Meira (2006) e a de Gildea (2012) é que neste último o autor retirou o grupo Parukotoano do ramo Guianense (MEIRA, 2006) e o realocou em um novo ramo que possui o mesmo nome do grupo. Apresentamos abaixo um esquema que demonstra a localização da língua Wai Wai na família Karib, conforme as propostas citadas.

Quadro 01: Posição da língua Wai Wai na família Karib,
segundo Meira (2006) e Gildea (2012)

MEIRA (2006)	GILDEA (2012)
<p><u>Ramo Guianense</u></p> <p>- <i>Línguas:</i> Apalai (?) Karinya (Galibi) Palmella † (?) Wayana</p> <p>- <i>Grupo Taranoano</i> Subgrupo: Tiriyo, Akuriyo Karihona</p> <p>- <i>Grupo Parukutoano</i> Katxuyana Subgrupo: Waiwai, Hixkaryana</p>	<p><u>Ramo Guianense</u></p> <p>- <i>Línguas:</i> Kari'nja (Carib, Kalinya, Carina, Galibi) Makiritare (De'kwana, Maiongong, Ye'kwana) Wayana</p> <p>- <i>Grupo Taranoano</i> Subgrupo Tiriyo: Akuriyo, Tiriyo, Trio Karihona</p> <p><u>Ramo Parukutoano</u></p> <p>- <i>Grupo Parukutoano</i> Katxuyana Subgrupo Waiwai: Waiwai (Wabui, Tunayana), Hixkaryana</p>

4 O Multilinguismo no Território Wayamu

4.1 Localização

Os atuais Wai Wai residem parte na Guiana e parte em quatro Terras Indígenas no Brasil (Nhamundá-Mapuera, Trombetas-Mapuera, Wai Wai e Kaxuyana-Tunayana), que pertencem ao que Protásio Frikel (1970) denominou de “Complexo Cultural Tarumã-Parukoto” (CCTP) para se referir aos grupos indígenas que habitam a região de fronteira entre o Brasil, a Guiana e o Suriname.

Figura 01: Mapa do Complexo Cultural Tarumã-Parukoto



Fonte: Queiroz (2014, p. 168)

Atualmente, outra designação vem sendo dada à parte dessa região pelos indígenas que aí habitam: “Território *Wayamu*” (jaboti em Wai Wai). Esse território é formado por três Terras Indígenas: Nhamunda-Mapuera, Trombetas-Mapuera e Kaxuyana-Tunayana, além de algumas aldeias próximas ainda não reconhecidas pelo Estado, segundo informação do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPE).

Figura 02: Mapa do Território *Wayamu* e seu entorno



Fonte: *site* do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPE)

Segundo o professor Wiwson Wai Wai, a denominação *Wayamy* justifica-se pelo simbolismo atribuído ao jaboti pelos grupos indígenas lá residentes: longo e resistente que consegue passar vários dias na mata sem água e sem comida. Além disso, seu casco entrecortado representa a organização política e geográfica das aldeias que fazem parte desse território, ou seja, ao mesmo tempo em que possuem limites geográficos e autonomia na administração, fazem parte de um conjunto maior que engloba a todas, formando uma única identidade: a Wai Wai.

Figura 03: Representação Simbólica do Território *Wayamu*



Fonte: *site* do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (IEPE)

Segundo informações retiradas do *site* do IEPE, os Waimiri-Atroari, os habitantes da Terra Indígena Wai Wai e os do Parque do Tumucumaque fazem também parte do Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Território Wayamu, completando o casco do jaboti e desta forma compondo o território ampliado, como “amigos do Wayamu”.

4.2 Demografia

A população Wai Wai é bastante imprecisa, em parte devido ao espalhamento e à grande quantidade de aldeias que se situam às margens do rio Essequibo, na Guiana; e no Brasil, às margens dos rios Anauá e Jatapuzinho (no estado de Roraima), Jatapu e Nhamundá (no estado do Amazonas) e Mapuera (no estado do Pará).

Segundo Costa-e-Souza (1999, p. 4), na década de 1890, os Wai Wai estavam quase extintos e sua sobrevivência foi garantida através de casamentos interétnicos com membros de outros grupos, como os Tarumã e os Parukoto.

O *site* “Terras Indígenas no Brasil” traz dados mais atualizados sobre a demografia Wai Wai e aponta a existência de quase 3.500 pessoas autoidentificadas como Wai Wai, morando no Brasil: cerca de 2.300 na T.I. Nhamundá-Mapuera (fonte: IEPE e SESAI, 2019); 800 pessoas na T.I. Trombetas-Mapuera (fonte: IEPE e SESAI, 2019) e 360 pessoas na T.I. Wai Wai (fonte: SIASI e SESAI, 2013). O *site* “Povos Indígenas no Brasil”, aponta a quantidade de 2.500 indígenas Wai Wai vivendo no Brasil e ainda o número variável entre 140 e 170 Wai Wai que vivem do lado guianense da Serra Acaraí.

Conforme descrito anteriormente, por conta de todo o complexo processo migratório e das intensas relações interétnicas dos habitantes do Território *Wayamu*, a população indígena que se reconhece como Wai Wai é composta por diversos grupos indígenas que falam diferentes línguas, entre elas, sabidamente: Wai Wai, Hixkaryana, Katwena, Tirió, Xerew, Karapayana, Makuxi e Waimiri-Atroari (pertencentes à família Karib); Wapichana e Mawayana (da família Aruák) bem como o português e o inglês (línguas europeias).

Como exposto na seção 2, a “waiwaização” de outros povos indígenas passa pela adoção de traços culturais Wai Wai por grupos étnicos distintos, mas que coabitam com aqueles. Entre esses traços culturais espalhados, podemos citar a língua Wai Wai como

sendo utilizada por todos os indígenas residentes nas aldeias¹¹ do *Wayamu*. Assim, pode-se concluir que a língua Wai Wai é falada atualmente por cerca de 2.500 a 3.500 pessoas que se distribuem entre falantes desta como língua materna e como segunda língua.

4.3. Contexto Multilíngue

A partir do cenário até aqui descrito, observa-se que o multilinguismo existente entre os povos indígenas do Território *Wayamu*, bem como a “eleição” do Wai Wai como língua franca entre esses povos é consequência da intensa relação histórico-político-social compartilhada pelos diversos grupos étnicos da região, onde a condição dominante de um desses grupos (o Wai Wai) levou à consequente “dominação linguística”, instaurando-se aí uma comunidade linguística falante da língua Wai Wai, que nos lembra da célebre frase do sociolinguista Louis-Jean Calvet, para quem “a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET; 2002, p. 12).

Segundo Fishman (1976), os membros das sociedades de fala, que compartilham um repertório linguístico multilíngue, devem saber (e sabem) quando mudar de uma variedade para outra adaptando uma variedade linguística a cada situação diferente, que é determinada pela organização interna de cada complexo ou comunidade de fala.

É importante mencionar que numa situação multilíngue, como a que se apresenta entre os Wai Wai, as línguas faladas pela população não são utilizadas de maneira equânime em todos os contextos sociais.

Sabe-se que embora o multilinguismo consista, fundamentalmente, na coexistência de distintos sistemas linguísticos em uma mesma comunidade de falantes, numa sociedade multilíngue, situações políticas, históricas e/ou pragmáticas podem levar os usuários a fazerem uso de um dentre os demais idiomas conhecidos em contextos específicos de interação.

Robert Hawkins (s/d, p. 1 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 4) afirma que “quase todos os que convivem com falantes do Uaiuai também falam a língua fluentemente, embora alguns deles prefiram falar sua própria língua em casa”. O relato do autor deixa transparecer que o Wai Wai é o idioma utilizado em situações de contato interétnico por pessoas que possuem distintas línguas maternas, mas que quando estas estão entre

¹¹ O número de aldeias é também variável, dependendo da fonte. Segundo Queiroz (2014), o CCTP compreende trinta e três aldeias; já de acordo com Rodrigues (2022), a localidade possui vinte e quatro aldeias. O *site* da prefeitura de Oriximiná (PA) menciona a existência de vinte aldeias.

membros do seu mesmo grupo indígena, falam entre si em sua primeira língua. O documento de Hawkins (idem) também nos deixa perceber que o Wai Wai já figurava como língua franca entre os grupos indígenas do CCTP mesmo antes do estabelecimento da missão evangelizadora entre eles.

No caso aqui em escopo, podemos dizer que a proeminência política que os antigos Wai Wai tinham sobre os demais grupos indígenas da região onde habitavam, desde antes do seu contato com os não-indígenas (mencionada por Henri Coudreau ainda no fim do século XIX) e intensificada a partir do processo de evangelização, fez com que sua língua – entre outros aspectos culturais – gozasse de igual *status* de prestígio entre as demais faladas pelos grupos que foram assimilados pelos Wai Wai, tornando-se a língua franca da população habitante do CCTP e/ou do Território *Wayamu* e aquela majoritariamente utilizada em situações de contato interétnico, que envolvem desde conversas até as celebrações e assembleias religiosas e políticas comuns entre os distintos grupos étnicos que ora também se denominam Wai Wai.

O destaque dos Wai Wai em relação aos demais grupos passa pela sua produção de bens altamente desejáveis pelos outros indígenas, tais como cães de caça, papagaios falantes e raladores de mandioca; além do espírito “pacificador” que buscava a transformação de “povos bravos” em seus iguais, conforme discutido por Howard (1993).

Algumas informações sociolinguísticas dos Wai Wai foram descritas por Rodrigues (2022), que aplicou setenta questionários a moradores de seis aldeias Wai Wai: Mapuera, Tawanã, Kwanamary, Takará, Inajá e Tamiuru. Os entrevistados somam 38 homens e 32 mulheres, com idade a partir dos 15 anos, sendo: 13 na faixa etária entre os 15 e 30 anos, entre com média entre 31 e 50 anos, 18 com idade entre 51 e 70 anos e 8 com mais de 70 anos.

Dentre os setenta entrevistados, todos declararam serem falantes da língua Wai Wai, sendo que 75% deste afirmaram tê-la como língua materna e os demais 25% como segunda língua.

As pessoas que disseram falar o Wai Wai como segunda língua, mencionaram ter as seguintes línguas como maternas: Hixkaryana, Tunayana, Inglês (mencionadas cada uma por um entrevistado), Mawayana, Português (aparecerem como língua materna de duas pessoas cada), Tiriyó, Katwena (foram apontadas por três pessoas cada) e o Xerew (por quatro falantes).

Vinte pessoas afirmaram ser monolíngues, falantes apenas da língua Wai Wai e as demais cinquenta disseram falar mais de uma língua, sendo que treze pessoas se declararam bilíngues – sabendo falar outra língua além do Wai Wai – e as demais afirmaram saber falar entre três e sete línguas, confirmando o *status* multilíngue dos indivíduos residentes no Território *Wayamu*.

Das vinte pessoas que afirmaram ser monolíngues em Wai Wai, dezenove são mulheres – o que indica que sua realidade linguística é diferente da dos homens que (com exceção de apenas um) apontaram saber falar mais de uma língua.

Das trinta e duas mulheres que responderam ao questionário, apenas um quinto disse saber falar português. O que significa que as mulheres que falam mais de uma língua, em geral, falam duas ou mais línguas indígenas. Entre os homens, dois terços dos entrevistados afirmaram saber falar português, que foi a segunda língua mais citada como sendo praticada pelos entrevistados (mencionada por 44% das pessoas), atrás apenas do Wai Wai – falada por todos os entrevistados, seja como primeira ou como segunda língua. As demais línguas citadas são: Hixkaryana (falada por 23 pessoas), Katwena (falada por 13 pessoas), Xerew, Tiriyo e Inglês (cada uma falada por 09 pessoas), Mawayana (falada por 07 pessoas), Tikyana (falada por 04 pessoas), Tunayana (falada por 01 pessoa).

Sabe-se que a maior quantidade de línguas faladas no *Wayamu* pertence à família Karib, a exemplo de: Wai Wai, Hixkaryana, Katwena, Tiriyo, Xerew, Karapayana, Makuxi e Waimiri-Atroari. Porém, a falta de estudos descritivos sobre algumas delas não permite uma comparação de modo a se identificar mais precisamente o grau de proximidade existente entre elas – ou seja, quais são línguas autônomas e quais são co-variações dialetais. Uma consequência disso é a variação também no arranjo destas línguas dentro da família, conforme já exposto.

Em Meira (2006), por exemplo, a língua Tiriyo faz parte do mesmo ramo (Guianense) que as línguas Wai Wai (Tunayana), Hixkaryana, Katxuyana (Shikuyana, Warikyana); embora o Tiriyo faça parte do grupo Taranoano e as demais do grupo Parukutoano. No trabalho de Gildea (2012) os grupos Taranoano e Parukutoano, com suas respectivas línguas, fazem parte de ramos distintos (Guianense e Parukutoano, respectivamente). Nesse caso, a interpretação é que na hipótese de Gildea (*idem*) há um distanciamento genético ainda maior entre as línguas citadas do que na proposta feita por Meira (*op. cit.*).

O registro dos nomes de algumas línguas entre parênteses feito pelos autores indica ou casos de covariação dialetal ou de nomes alternativos para uma mesma língua. Desse modo, é possível deduzir, a partir dos dois trabalhos citados, uma relação codialetal entre Wai Wai e Tunayana, bem como entre Katxuyana e Tikyana, faladas no *Wayamu*. O agrupamento proposto pelos dois autores também sugere uma relação estreita entre o Wai Wai (Tunayana) e o Hixkaryana, formando um subgrupo que, por sua vez, se relaciona com a língua subgrupo (Ticianá), compondo o grupo denominado Parukutoano. A partir desse nível, há nova distinção entre as propostas dos pesquisadores: Meira (2006) aloca o grupo Parukutoano no ramo Guianense, enquanto Gildea (2012) propõe um ramo homônimo que contém este único grupo de línguas, como já exposto na seção 3. Aqui, novamente, a interpretação é de que no trabalho de Gildea (op. cit.) há um distanciamento genético maior entre os grupos Parukutoano e Taranoano do que na proposta de Meira (idem)¹².

Outro fator que dificulta uma melhor compreensão da relação existente entre essas línguas é a própria denominação atribuída a cada uma delas. Por exemplo, as línguas Katwena, Xerew e Karapayana também mencionadas pelos moradores do *Wayamu* não aparecem (pelo menos com esses nomes) nas classificações propostas para a família – com exceção do trabalho de Durbin (1977) que menciona uma língua Cachuena no mesmo grupo que o Wai Wai. Essa mesma língua Katwena (Katawina, Catawian, Catauian, Katuena, Cachuena) aparece citada por Campbell (1998, p. 82) como dialeto do Wai Wai, bem como o Parukoto (Parukutu, Parucutu). No mesmo trabalho, a língua Xerew (Xereu, Xerewyana, Sherewyana) aparece como nome alternativo para o Hixkaryana.

Outras línguas faladas no *Wayamu* são Mawayana e Wapichana, pertencentes à família Aruák. O Mawayana (também conhecido como Mapidian) está em risco extremo de extinção, sendo falado por aproximadamente uma dúzia de pessoas que vivem dispersas em aldeias Wai Wai e Tiriyó, no Brasil e no Suriname. Por outro lado, o Wapichana possui mais de 6.000 falantes em ambos os lados da fronteira do Brasil-Guiana. De acordo com as conclusões de Meira (2019), essas línguas (junto com outras possivelmente já extintas) parecem manter uma estreita relação genética, formando um

¹² Ver o Quadro 01.

sub-ramo na família Aruák, denominado pelo autor de “Pidjano”¹³, a partir da palavra *pidan* “pessoa/povo”¹⁴ em Wapichana, que pode ser reconhecível no nome de ambas as línguas/povos: **Wa-pichana** e **Ma-pidian** (Mawayana).

Como o território *Wayamu* fica situado na fronteira entre Brasil e Guiana e tendo grande parte dos ancestrais dos indígenas contemporâneos vivido em ambos os países, como já exposto, é justificável também a presença das duas línguas europeias que circulam entre os indígenas que habitam essa região: o português e o inglês.

Esses dados demonstram a diversidade e a complexa relação do mosaico de línguas utilizadas cotidianamente pelos moradores do Território *Wayamu*.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos apresentar o multilinguismo existente no Território *Wayamu*, onde vivem diversos povos indígenas de distintas filiações genéticas, na fronteira do Brasil (PA, AM e RR) com a Guiana. Além disso, discutimos alguns fatores históricos e sociais que levaram a língua Wai Wai a ser instaurada como língua de contato dos grupos que habitam esse território.

Para isso, resumimos alguns aspectos históricos dos Wai Wai, como seu contato com os não-indígenas, as diversas migrações, as relações de trocas com outros grupos indígenas vizinhos e seu processo de conversão religiosa ao cristianismo evangélico. Todos esses fatores são de extrema relevância para a compreensão da atual realidade multiétnica, multicultural e multilíngue das pessoas indígenas que se autoidentificam como Wai Wai.

Vimos que a “identidade Wai Wai” não consiste na noção de “uma tribo”, mas sim numa categoria que se define pelo compartilhamento de recursos, comportamentos, cônjuges, ornamentação e língua, que pode se expandir abrangendo um número cada vez maior de indivíduos e/ou grupos dispostos a assimilar tais bens simbólicos.

Trouxemos algumas informações sobre a língua Wai Wai, como a sua posição dentro da família Karib, que segundo as classificações mais recentes, compõe um

¹³ Tomo aqui a liberdade de adaptar o termo criado por Meira (2019), *Pidjanan* – no texto original em inglês – para uma versão portuguesa “Pidjano”, considerando dois aspectos: a) a forma da palavra Wapichana (*pidan*) que deu origem ao termo cunhado pelo autor, e b) a interpretação de que a versão em inglês se encontra na forma adjetival caracterizando um conjunto de línguas (*Pidjanan languages*) semelhante ao uso do termo *Pekodian* em “*Pekodian languages*” para se referir às línguas do grupo Pekodiano.

¹⁴ “*People*” no original, em inglês.

subgrupo com a língua Hixkaryana, que ao lado do Katxuyana formam o grupo Parukutoano.

Por fim, tratamos da diversidade linguística no Território *Wayamu*, concluindo que o multilinguismo lá existente, bem como a “eleição” do Wai Wai como língua franca entre esses povos habitantes da localidade é resultado da longa e intensa relação histórico-político-social intercambiada por esses grupos humanos da Amazônia, onde a condição dominante de um desses grupos (o Wai Wai) levou à consequente “dominação linguística”.

REFERÊNCIAS

- ANICETO-DE-SOUZA, Alexandre. **Waiwai Yana Komo: rotas de transformações ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas.** Dissertação de Mestrado. Manaus UFAM/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2018.
- CALVET, Loius-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** (Trad. Marcos Marcionillo). São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPBELL, Lyle. *Classification of the indigenous languages of South America.* In: CAMPBELL, Lyle and GRONDONA, Veronica (eds.). **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide.** The World of Linguistics; vol. 2. (p. 441-494), 2012.
- COSTA-E-SOUZA, Jorge M. **Waiwai: uma descrição mínima à história do contato.** Boletim do Museu Integrado de Roraima. Boa Vista, v. 5 (p. 3-12), 1999.
- DOWDY, Homer. **Christ's Witchdoctor.** New York/London: Harper & Row Publishers, 1994.
- FISHMAN, J. A. **Bilingual Education: an international sociological perspective.** Rowley, Massachusetts: New-bury House, 1976.
- GILDEA, Spike. *Linguistic studies in the Cariban family.* In: CAMPBELL, Lyle and GRONDONA, Veronica (eds.). **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide.** The World of Linguistics; vol. 2. (p. 441-494), 2012.
- GILDEA, Spike. **On Reconstructing Grammar: Comparative Cariban Morphosyntax.** New York/Oxford: Oxford University Press, 1998.
- GILDEA, Spike, HOFF, B. J. & MEIRA Sérgio. *The story of *ô in the Cariban Family.* In: BEREZ, Andrea L., MULDER, Jean, & ROSENBLUM, Daisy (eds.). **Fieldwork and Linguistic Analysis in Indigenous Languages of the Americas**, 91-123. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10125/4452>
- FRIKEL, P. **Os Kaxuyana: notas etno-históricas.** Publicações Avulsas (Museu Paraense Emílio Goeldi), n. 14, 1970.

HOWARD, Catherine. *Domesticação das Mercadorias: Estratégias Wai Wai*. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico**. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

HOWARD, Catherine. **Wrought identities: The Waiwai expeditions in search of the “unseen tribes” of Northern Amazonia**. Tese de Doutorado. Division of Social Sciences, University of Chicago. 2001.

HOWARD, Catherine. *Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia*. In: VIVEIROS DE CASTRO, E.; CUNHA, M. C. (Orgs.). **Amazônia: etnologia e história indígena**. São Paulo, USP-NHII; Fapesp, 1993.

LAPOLA, Daniel M. **Relatos de viajantes em representação aos Wai Wai no século XIX**. Anais Eletrônicos do 17º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2020. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmninnkcbpcqjpcgpleclfindmkaj/https://www.17snhct.sbhc.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1594734628_ARQUIVO_81e1886437468c9d37ab9ad8231faf36.pdf.

MEIRA, Sérgio. *A Study of the Genetic Relation between Mawayana and Wapishana (Arawakan Family)*. **Revista Brasileira de Línguas Indígenas**. Macapá. Vol. 2, n. 1 (p. 70-104), 2019.

MEIRA, Sérgio. **A família linguística Caribe (Karíb)**. Revista de Estudos e Pesquisas. FUNAI, Brasília, v. 3, n.1/2, p.157-174, 2006.

OLIVEIRA, Leonor V. **O cristianismo evangélico entre os Waiwai: alteridade e transformações entre as décadas de 1950 e 1980**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/PPGAS, 2010.

QUEIROZ, Ruben C. *Olhares e perspectivas que fabricam a diversidade do passado e do presente: por uma arqueologia etnográfica das bacias dos rios Trombetas e Nhamundá*. **Anuário Antropológico**. Dossiê: Aprofundando a Amazônia. 2014, v.39 n.2, p. 161-200. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.1285>

RODRIGUES, Lúcia M. S. **Estudos sobre o Bi-/Multilinguismo nos Territórios Indígenas do Complexo Cultural Tarumã-Parukoto – Povo Waiwai**. Tese de Doutorado. Belém: UFPA/Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

YED. J. **Material culture of the Waiwai**. Copenhagen: National Museum of Denmark. (Ethnographic Series, 10), 1965.

Sites consultados:

Instituto de Pesquisa e Formação Indígena

<https://institutoiepe.org.br/2022/08/territorio-wayamu-e-seu-entorno/>

Povos Indígenas no Brasil

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waiwai>

Terras Indígenas no Brasil

<https://terrasindigenas.org.br>